

A PESQUISA ETNOGRÁFICA: CONSTRUÇÕES METODOLÓGICAS DE UMA INVESTIGAÇÃO

Vanderléa Andrade Pereira – UFPI – vander.lea@ufpi.edu.br¹
Maria da Glória Soares Barbosa Lima - UFPI - glloriosoares@yahoo.com.br²

“Aprender a ver – habituar o olho à calma, à paciência, a deixar-que-as coisas- aproximem-se-de-nós: aprender a aplacar o juízo, a rodear e abarcar o caso particular a partir de todos os lados [...]” (NIETZCHE)

RESUMO

O presente artigo nasce do estudo teórico para a construção do referencial metodológico necessário à realização de pesquisa qualitativa, no contexto da escola pública do município de Juazeiro-BA, no sertão do Semi-Árido Brasileiro, pesquisa esta que contém a seguinte problemática: Como o professor utiliza o livro didático no cotidiano da sala de aula? Assim, buscamos no entorno metodológico do estudo em referência, encontrar caminhos que nos ajudem a responder à mencionada problemática, tendo como base de estudo teórico autores como: André (2008, 1997a, 1997b), Angrosino (2009), Benjamim (1987), Bogdan e Taylor (1975), Cunha (2008), Ferrarotti (2010) Geertz (1989), Giroux e McLaren (1993), Josso (2002), Lapassade (2001), Larrosa (1994), Lima (2006), Lüdke e André (1986), Moreira e Caleffe (2006), Souza (2006a, 2006b; 2008), Zabalza (2004). Desse modo o texto trata da etnografia enquanto método de investigação enfatizando a narrativa autobiográfica através dos diários como técnicas de construção de dados e como instrumento de autoria na investigação.

Palavras-chave: Etnografia. Narrativa autobiográfica. Diários. Livro Didático.

Abstract

This article comes from the theoretical study for the construction of the methodological framework necessary to carry out qualitative research in the context of public schools in the municipality of Juazeiro, Bahia, in the interior of the Semi-Arid Brazil, this research that contains the following issues: How teacher uses the textbook in everyday classroom? Thus, we seek in the surroundings methodology of the study in question, find ways to help us respond to the aforementioned problem, based on theoretical study of authors such as André (2008, 1997a, 1997b), Angrosino (2009), Benjamin (1987), Bogdan and Taylor (1975), Cunha (2008), Ferrarotti (2010), Geertz (1989), Giroux and McLaren (1993), Josso (2002), Lapassade (2001), Larrosa (1994) , Lima (2006), Lüdke and Andrew (1986), Moreira and

¹ Pedagoga, Especialista em Educação, Professora da Universidade Federal do Piauí – Picos e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação- UFPI.

² Professora Orientadora - Doutora do Curso de Pedagogia e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação- PPGED.(UFPI).

Caleffi (2006), Souza (2006a, 2006b, 2008), Zabalza (2004). Therefore the text deals with the ethnography as a method of research emphasizing the autobiographical narrative through the day as construction techniques and data as a tool for authoring research.

Keywords: Ethnography. Autobiographical narrative. Daily. Textbook.

Introdução

O desenvolvimento de uma investigação qualitativa, na qual se imbricam sujeitos e contextos escolares, implica olhar esses sujeitos, participantes da pesquisa e esses contextos-cenários de pesquisa, ambos integrantes de uma totalidade, a partir de um cenário mais amplo, denominado contexto sociocultural. A cultura deve ser vista como uma teia, como um enredamento, que perpassa e se constrói com o sujeito, atravessando suas vivências, suas pertinências, suas possibilidades, suas memórias e as suas interpretações das experiências vividas cotidianamente no ambiente escolar. É na verdade, como Geertz (1989: p. 15) afirma:

[...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado.

É diante, pois, deste contexto em que sujeitos e culturas se imbricam e se hibridizam que este texto se tece, com o intuito de promover discussões teóricas que contribuam na formação de respostas à questão de pesquisa que desenvolvemos e que contém os seguintes questionamentos relativos à utilização do livro didático no cotidiano da sala de aula: Quais livros didáticos são adotados pelas escolas municipais de Juazeiro da Bahia, especificamente nas primeiras séries do ensino fundamental? Como se dá o diálogo dos professores com os saberes que fundamentam o livro didático? De que forma eles se apropriam desse instrumento na sua prática pedagógica, em situação de planejamento e na interação em sala de aula? Como se dá a mediação didática com a autoformação do ser professor inserido no contexto cultural do semi-árido nordestino?

Consideramos, nesse sentido, que a prática pedagógica é, ao mesmo tempo, pessoal e cultural dada a sua contextualidade, razão por que adotamos a etnografia como metodologia de investigação e a observação participante como técnica que orienta e fundamenta a coleta de dados e que se edifica com o auxílio da narrativa (auto) biográfica, registrada em diários

pedagógicos e de entrevistas interativas e reflexivas de cunho coletivo, segundo Souza (2006a; 2006b) e Cunha (2008).

O estudo em referência tem como contexto escolas públicas do município de Juazeiro-BA, no sertão do Semi Árido Brasileiro e como foco central a prática pedagógica dos professores das séries iniciais do ensino fundamental, na interface com a utilização do livro didático, na condição de instrumento presente e subsidiador dessa prática.

Com relação aos instrumentos de produção de dados, afora os diários escritos pelos professores e o diário de campo do pesquisador, são desenvolvidos registros de aulas em vídeo para serem trabalhados nas entrevistas interativas e reflexivas de cunho coletivo, propondo-se, assim, uma triangulação, mediante as diversas técnicas de construção dos dados a fim de encontrar caminhos que nos ajudem a responder aos questionamentos do estudo.

A construção metodológica busca referencial teórico em: André (2008; 1997a; 1997b), Angrosino (2009), Benjamim (1987), Cunha (2008), Ferrarotti (2010), Nóvoa; Finger (2010), Geertz (1989), Giroux; McLaren (1993), Josso (2002), Lapassade (2001), Larrosa (1994), Lima (2006), Lüdke; André (1986), Moreira; Caleffe (2006), Souza (2006a, 2006b 2008), Zabalza (2004).

Para uma melhor configuração textual e compreensão da pretensão metodológica acerca da pesquisa objeto desta comunicação, delineamos o texto em três partes: na primeira, traçamos o caminho que nos levou à opção pela etnografia como método de investigação, abrindo uma janela para tratar da observação participante; na segunda, abordamos a importância da narrativa (auto) biográfica no contexto da pesquisa proposta, enfocando os diários como instrumentos de construção do protagonismo dos sujeitos participantes e, na terceira, tecemos a articulação dos instrumentos usados para a construção dos dados, no processo da pesquisa.

A etnografia como método de investigação

Realizar um estudo investigativo envolve, além da ansiedade de querer estar no campo não só como pesquisadores imparciais e passivos, escolhas, renúncias, opções teóricas e metodológicas. Nessa ânsia de fazer da ação acadêmica bem mais do que um lócus de fabricação de objetos de pesquisa, encontramos-nos com a etnografia. A luva e a mão no desafio da investigação. A escolha da etnografia dá-se por visualizar nesta vertente

metodológica da investigação o rumo para as possibilidades de conhecimento do objeto de pesquisa.

Estudos etnográficos de Franz Boas (1858 – 1942) e Malinowski (1884 – 1942) inspiraram o desenvolvimento de pesquisas que passaram buscar a compreensão da sociedade sob o ponto de vista das pessoas que nela vivem. Assim, não é suficiente fazer perguntas, é necessário observar o que as pessoas fazem, as ferramentas que utilizam no seu fazer diário e como se relacionam entre si. Então, o ir, o ver e o viver com os nativos foram marco inicial do surgimento da antropologia científica e a observação participante se tornou a principal técnica para atingir esses objetivos. A investigação é feita de dentro, é vivida junto aos sujeitos. A etnografia é uma decorrência dessa construção epistemológica.

Dois pilares caracterizam o método etnográfico: a interação prolongada entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa e a interação cotidiana do pesquisador no universo do sujeito. Assim, a investigação envolve observação densa, criteriosa, detalhada tendo como foco a fala e a interpretação dos sujeitos participantes da investigação e, envolvendo uma visão holística de todo o entorno sócio-cultural no qual os sujeitos e suas ações se circunscrevem.

Neste sentido, a etnografia busca compreender os significados atribuídos pelos próprios sujeitos ao seu contexto, a sua cultura, assim a pesquisa etnográfica se utiliza de técnicas voltadas para descrição densa do contexto estudado. De acordo com Moreira e Caleffe (2006), a etnografia tem como característica focar o comportamento social do sujeito no seu cenário cotidiano, confiando em dados qualitativos obtidos a partir de observações e interpretações feitas no contexto da totalidade das interações humanas, assim os resultados da pesquisa são interpretados com referência ao grupo ou cenário, conforme as interações no contexto social e cultural e a partir do olhar dos sujeitos participantes da pesquisa.

Complementando a discussão metodológica, Lüdke e André (1986) apontam três etapas para a realização da pesquisa etnográfica: a exploração, que envolve as escolhas de campo e sujeitos bem como, as primeiras observações e aproximações no e com o contexto da investigação; a decisão, que implica nas escolhas dos dados relevantes, das fontes e até dos instrumentos; e a descoberta, que consiste na explicação da realidade e na forma de situar as várias descobertas num contexto mais amplo, holístico.

Foi a aproximação com os trabalhos de Lima (2006) e André (2008) que a definição pela investigação etnográfica se concretizou. Diante da aproximação com esses estudos, visualizamos concretamente, o uso da etnografia na compreensão do sujeito social na vivência em comunidade e na experiência escolar e assim, perceber a contribuição da etnografia nos processos educacionais. Mediante estas considerações e levando em conta que nosso universo de investigação é o trabalho docente na interface com a utilização do livro didático, tanto o livro didático, quanto o professor habitam a realidade escolar, social e cultural. A investigação etnográfica, no contexto da pesquisa em apreço, implica em compreender a realidade escolar para agir sobre ela, modificando-a; em revelar a complexa rede de interações que constitui a experiência escolar diária; em mostrar como se estrutura o processo de produção de conhecimento em sala de aula, em buscar a interrelação entre as dimensões cultural, institucional e instrucional da prática pedagógica.

Nesse entorno, a investigação que desenvolvemos está centrada na linha de pesquisa: Ensino, formação de professor e práticas pedagógicas e tem como objeto de estudo a utilização do livro didático na interface com a prática pedagógica no cotidiano do fazer docente em escola de Ensino Fundamental no Semi-Árido nordestino. Investigamos portanto, a prática escolar numa visão etnográfica (ANDRÉ, 2008), buscando as compreensões e a opinião dos atores escolares e tomando-as como importantes elementos na investigação. Como se trata de uma pesquisa qualitativa na modalidade etnográfica, definimos como técnica para conduzir o estudo, a observação participante por ser uma investigação que se caracteriza por um período de interações sociais intensas entre o investigador e os sujeitos e cujos dados são construídos de forma detalhada e holística.

Para Lapassade (2001), a expressão observação participante tende a designar o trabalho de campo no seu conjunto, desde a chegada do pesquisador ao campo da investigação, quando, então, inicia as negociações que lhe darão acesso a esse campo, até o término do estudo, depois de uma longa estada no cenário da pesquisa. Ainda, em Lapassade, definimos que esse tipo de observação participante é ativa ou completa, que, segundo o autor permite ao pesquisador torna-se partícipe das atividades, como membro do estudo, como um de seus participantes. Como revela a própria denominação, a observação participante é rica em detalhes, não é passiva e nem inerte.

Desse modo, o pesquisador no contexto da observação participante pode interagir ativamente como membro em todas as atividades do grupo, demonstrando habitualmente que

sabe ver e ouvir atentamente, registrando o mais fielmente possível todas as informações pertinentes. Neste sentido, precisa exercitar o julgamento rápido para decidir o que é válido, ou o que registrar. Angrosino (2009, p. 34), no entorno dessa discussão destaca a importância da observação participante para o desenvolvimento da pesquisa etnográfica:

A observação participante não é propriamente um método, mas sim um estilo pessoal adotado por pesquisadores em campo de pesquisa que, depois de aceitos pela comunidade estudada, são capazes de usar uma variedade de técnicas de coleta de dados para saber sobre as pessoas e seu modo de vida.

É nessa perspectiva que o autor em referência define a observação como um ato de perceber as atividades e interações das pessoas do cenário de campo que envolve os cinco sentidos do pesquisador, que exige registro objetivo e uma busca de padrões que são identificados nas vivências da cultura cotidiana do grupo participante da pesquisa. Nessa óptica, a observação participante busca descrever os significados de ações e interações, segundo o olhar de seus atores, indo muito além da descrição de situações, ambientes, pessoas ou da mera reprodução de seus discursos, depoimentos e ações realizando, por conseguinte, uma descrição interpretativa, justificando-se a afirmação de que a realização da investigação etnográfica exige sensibilidade e rigor.

A narrativa no contexto da pesquisa: os diários na construção do protagonismo dos sujeitos

A educação e seus paradigmas, notadamente os que tratam sobre a formação de professores e o exercício docente, têm se afigurado na contemporaneidade como aspectos permeados de complexidade e que, por essa razão têm merecido múltiplos olhares no enfrentamento dos desafios em construir configurações teóricas e metodológicas que auxiliem aos pesquisadores da área educacional, na discussão do saber, saber fazer e do saber ser no interior da ação docente. É, na perspectiva, de compreender, o trabalho docente de professores quando da utilização do livro didático que optamos pela narrativa (auto) biográfica como técnica de construção de dados.

Consideramos, desse modo, ser a narrativa, a forma mais própria de os professores, participantes da pesquisa, tornarem-se sujeitos de suas práticas e pensamentos, o que certamente dará mais elementos para o delineamento da investigação etnográfica, em que o sujeito é visto em um contexto de vida que envolve experiências individuais e coletivas.

Finger (1998) diz que o método biográfico se justifica pelo fato de valorizar uma compreensão que se desenrola no interior da pessoa, sobretudo em relação a vivências e a experiências que tiveram lugar no decurso da sua história de vida, ou seja, na história que também se inscreve na cultura. Nesse sentido, Ferrarotti (2010, p. 51) diz que “ o conhecimento integral de um torna-se, assim, o conhecimento integral do outro. Coletivo social e universal singular reciprocamente.”.Assim, tomar a própria vida, ou detalhes da experiência, como assunto da narração, constitui o motivo de ser da técnica autobiográfica na investigação referida.

Optar por trabalhar com narrativas, como técnica de construção de dados, é partir para a desconstrução e reconstrução das próprias experiências tanto do pesquisador como dos sujeitos participantes da pesquisa. Pois, o narrar-se dos sujeitos e a interpretação dos pesquisadores exigem que a relação dialógica se instale criando uma cumplicidade de dupla descoberta. Ao mesmo tempo em que os narradores, no uso da linguagem, se descobrem em si, descobrem-se no outro e os fenômenos revelam-se em todos os envolvidos na investigação. O diário constitui numa transposição do eu para o papel, é a verbalização de detalhes, que mesmo concretizados na prática, residem nas configurações do interior do sujeito.

Giroux e McLaren (1993, p. 26) advertem para que se considere a importância da linguagem, pois é através dela que, ao mesmo tempo, nomeamos a experiência e agimos, como resultado desta interpretação. Afirmam eles:

Apenas quando podemos nomear nossas experiências - dar voz a nosso próprio mundo e afirmar a nós mesmos como agentes sociais ativos, com vontade e um propósito - podemos começar a transformar o significado daquelas experiências, ao examinar criticamente os pressupostos sobre os quais elas estão construídas.

O uso da narrativa como técnica de investigação pressupõe um processo coletivo de mútua explicação no qual se imbricam pesquisador e pesquisado o que requer do pesquisador uma desenvoltura intelectual que garanta, à pesquisa, o rigor científico necessário, sem deixar de perceber sensivelmente o entrelaçado de relações sociais, interacionais.

Josso (2002) afirma que a abordagem biográfica inscreve-se numa perspectiva de investigação-formação por evidenciar um caminhar para si, onde se busca sentido e conhecimento do real, levando o indivíduo a um mergulho investigativo e formativo. Nessa interpretação (auto)biográfica das narrativas a investigação também tem como intuito possibilitar um reolhar consciente do professor para suas práticas, visualizando-as como

elementos de sua formação. Segundo Josso (2002, p. 8), “[...] a consciência nasce quando interpretamos um objeto com o nosso sentido autobiográfico, a nossa identidade e a nossa capacidade de anteciparmos o que há de vir”. Assim, o narrar-se implica um conhecimento de si e a interpretação da narração pelos próprios narradores implica uma autoconsciência de si e do outro.

Como possibilidade de exercitar a autoconsciência e autoformação, a perspectiva narrativa coloca o sujeito como produtor de um conhecimento sobre si, sobre os outros e sobre sua prática no cotidiano escolar fenômeno que se revela mediante a subjetividade, a singularidade, as experiências e os saberes que foram se construindo no percurso espaço-temporal de sua vida pessoal e profissional. A subjetividade, na escrita narrativa de professores, configura-se como elemento constitutivo das representações sobre o vivido no cotidiano escolar.

Complementamos e reforçamos nosso entendimento de subjetividade com Larrosa (1994, p. 54) ao afirmar que: “Aqui os sujeitos não são posicionados como objetos silenciosos, mas como sujeitos confessantes; não em relação a uma verdade sobre si mesmos que lhes é imposta de fora, mas em relação a uma verdade sobre si mesmos que eles mesmos devem contribuir ativamente para produzir” Esse entendimento, também, é defendido por Souza (2006, p. 36) em suas teorizações acerca da essencialidade do sujeito no processo de investigação-formação. Nesse sentido, dá um contorno especial à “[...] importância da abordagem compreensiva e das apropriações da experiência vivida, das relações entre subjetividade e narrativa como princípios, que concedem ao sujeito o papel de ator e autor de sua própria história”.

A escrita de si, como autoria dos sujeitos na investigação nos fez optar pelo uso do diário pedagógico como um dos instrumentos de construção dos dados na referida investigação. O caráter intimista que marca a escrita dos diários sela o encontro entre pensamentos e práticas atinentes aos sujeitos, descrevendo revelações acerca do encontro entre a vida íntima do indivíduo e sua inscrição na história social e cultural. De fato, corrobora-se o entendimento de Cunha (2008, p. 128):

Os diários são lócus de subjetivação, no qual o indivíduo ao narrar seu cotidiano, sua passagem pela vida no tempo histórico explícita, também, uma configuração de si mesmo a partir das múltiplas tensões sócio-culturais que designam o seu tempo. Os diários íntimos são fontes importantes e potencialmente férteis no esforço de compreensão da construção da história

de cada um, assim como das variadas redes de significação construídas na cultura da chamada contemporaneidade.

O emprego do diário pedagógico como instrumento que possibilita momentos particulares dos sujeitos com seus pensamentos e práticas referentes ao uso do livro didático justifica-se por potencializar espaços de escrita íntima, e sem observadores, aos professores, que poderão ficar mais à vontade ao narrarem-se a si mesmos, articulando-se à matéria narrada numa relação artesanal como diria Benjamim (1987), com o intuito de transformá-la. Esta liberdade inerente à feitura dos diários emerge no interior das escritas como relevante força recriadora de sentidos a partir da visão de si e do que há em sua volta.

É em Zabalza (2004) que encontramos bases que nos sustentam teoricamente quando da opção pela a escrita de diários. Zabalza (2004) destaca quatro dimensões que tornam os diários recursos potencialmente expressivos numa investigação: 1) o fato de tratar-se de um recurso que exige o exercício da escrita; 2) o fato de configurar-se um recurso que implica o exercício da reflexão; 3) o fato de comportar, simultaneamente, o expressivo e o referencial; 4) o fato de evidenciar o caráter genuinamente histórico e longitudinal da narração. Estes aspectos reforçam que a feitura dos diários possibilita aos sujeitos narradores conscientizarem-se de seus atos, pela análise detalhada e aprofundada no sentido de melhor compreender o significado de suas práticas e, a partir daí, consolidar mudanças nessa prática. Na verdade, é como destaca Zabalza (2004, p. 44):

O próprio fato de escrever, de escrever sobre a própria prática, leva o professor a aprender por sua narração. Ao narrar sua experiência recente não só a constrói linguisticamente como a reconstrói como discurso prático e como atividade profissional (a descrição se vê continuamente ultrapassada por proposições reflexivas sobre os porquês e as estruturas de racionalidade e justificação que fundamentam os fatos narrados. Quer dizer, a narração se transforma em reflexão).

O sujeito ao narrar-se, ao narrar seu pensamento e sua prática, constrói-se no espaço íntimo da escrita do diário, no qual ele se autoriza a relatar, a questionar, a segredar; protagonizando também a investigação, assumindo a sua autoria em todo o processo no qual o estudo se revela.

Observação participante, diários pedagógicos e entrevista interativa-reflexiva: uma articulação necessária

A observação participante ativa ocorre em consonância com o percurso da investigação, tendo como foco a comunidade, a escola e as experiências em aulas, colocando como instrumento de registro o diário de campo do pesquisador, que após cada dia de observação fará uma leitura cuidadosa com o intuito de estabelecer escolhas e direcionamentos das narrativas e de outros dados, de acordo com os objetivos e questões da pesquisa. Instrumentos como gravador de voz, máquina fotográfica e filmadora, também, são empregados no decorrer das observações e das entrevistas para registro de cenas/situações relativas ao cotidiano da pesquisa.

Como a observação se encontra sob o olhar do pesquisador, como seu suporte usamos, ainda, os diários pedagógicos na condição de recursos que colaboram na captação das situações escolares nas quais o livro didático se faz presente na prática pedagógica do professor, seja nos estudos e planejamentos, seja nas situações concretas de ensino-aprendizagem, em sala de aula. Assim, os diários acompanham os professores e o próprio pesquisador desde o início da pesquisa ao seu término, permitindo registrar os eventos individuais e os eventos coletivos nos quais estejam envolvidos os participantes do estudo e seu objeto principal que é o livro didático.

Quanto às entrevistas interativas-reflexivas, estas propiciam o olhar coletivo dos e sobre os sujeitos, assim como sobre suas narrativas produzidas coletivamente, oportunidade em que o pesquisador, juntamente com o grupo de professores-sujeitos analisam aulas filmadas no decorrer da observação participante. Essas análises são orientadas por questões abertas e direcionadas à compreensão do objeto da investigação. A entrevista, na modalidade empregada neste estudo, configura-se como uma oportunidade de narrativa coletiva, importante para empreendermos o olhar conjunto sobre a prática docente na interface com o uso do livro didático em situação de ensino e aprendizagem. Logo, a análise coletiva nos ajuda a perceber as singularidades nas práticas dos professores e é também um exercício de exposição e abertura sensível ao outro, como nos diz Josso (2002, p. 135):

Aprender a expor sua sensibilidade, aprender a expor-se nas suas sensibilidades para entrar em relações mais abertas e profundas é redescobrir que o sentido e o quadro se dão a conhecer através da ordenação de palavras escolhidas e das articulações induzidas pelos encadeamentos proposicionais; é tomar consciência do 'pronto a vestir' da nossa linguagem e de contextos

que influenciam as nossas representações, para descobrir as potencialidades poéticas da linguagem e dar conta de uma singularidade.

As técnicas de coleta de dados foram pensadas de forma que uma complemente a outra para que a construção dos dados seja rica em detalhes por contemplar diversos aspectos e olhares no processo de investigação. Nesse sentido desenhamos descritivamente a articulação, na prática investigativa, dessas técnicas. A observação participante, os diários pedagógicos e a entrevista interativa-reflexiva de cunho coletivo entraram em cena após a negociação e o livre consentimento dos sujeitos da pesquisa para que não houvesse nenhum ruído ou constrangimento entre pesquisador e participantes no processo de realização da investigação, a fim de garantir uma construção substancial de dados contextualizados nas diversas relações e acontecimentos culturais que envolvem os sujeitos e suas práticas escolares. Neste processo, é necessário que se estabeleçam padrões regulares de atuação individual e em grupo e que, depois, se explique a existência desses padrões conforme recomenda a investigação etnográfica.

A observação participante ativa, os diários e as entrevistas interativas/reflexivas possibilitarão, além das informações, significar o universo investigado mediante a busca de características estáveis que possam ser analisadas microanaliticamente, para que os resultados revelem o grupo de professores participantes da pesquisa nas suas especificidades, singularidades e fidedignidade a seus olhares. Esse é um grande desafio, como diz Matos (2001, p. 05):

Após este intensivo trabalho de observação, o desafio do pesquisador ou da pesquisadora é tentar organizar todos os dados como num quebra-cabeça. Partindo do contexto maior olhando a comunidade como um todo até poder destacar uma particularidade generalizável deste contexto que possa ser estudada microanaliticamente.

As técnicas e instrumentos adotados todas se prestam a potencializar, na análise, a triangulação dos dados, recurso analítico que permite comparar dados de diferentes tipos com o objetivo de confirmar ou desconfirmar uma asserção. Significa dizer que os dados são analisados na perspectiva de um olhar hermenêutico em que esta interpretação é contextualizada, historicizada, privilegiando o discurso dos sujeitos subjetivos e, para que tudo aconteça harmoniosamente faz-se necessário garantir o rigor e não perder de vista o exercício do olhar atento e da escuta sensível.

Considerações finais

Em rápida e simplória reflexão sobre o aporte metodológico de nossa pesquisa, que se inscreve na vertente etnográfica e que busca obter apreensões/compreensões sobre a utilização do livro didático em escolas do Semi-Árido Brasileiro, entendemos ter cumprido o proposto no interior da presente comunicação, ou seja, descrever o traçado metodológico do mencionado estudo.

Assim, como forma de registrar uma menção conclusiva, reforçamos que a investigação etnográfica, como método de captação do todo contido nos sujeitos participantes e dos sujeitos contidos no todo cultural, possibilita-nos optar por técnicas de construção de dados que também captem as singularidades e as totalidades dos professores. Tecer um traçado metodológico não é tarefa fácil, exige tomada de decisão, escolha, limite e um cuidado fundamental como o rigor. Exige travessia entre o pensar em investigar para o começar a investigação, exige um olhar para dentro de nós mesmos, para nos percebermos também enquanto sujeitos da pesquisa, participantes de um mundo a ser desvelado, revelado, apreendido, analisado e interpretado.

Investigar, nesse sentido, para nós representa um encontro profundo conosco mesmo, portanto, uma conexão com a subjetividade dos sujeitos e a nossa própria. Investigar etnograficamente é, de certa forma, esculpir existências, construir marcas que se exteriorizam no escrito dos sujeitos para além do corpo orgânico. Investigar, etnograficamente, empregando técnicas de escrita de si é fazer-se existir, é fazer o outro existir com sentido de verdade, é construir-se e construir o outro como seres que têm um significado social e cultural nesse mundo onde somos atores e autores enquanto sujeitos da investigação.

Referências

ANGROSINO, M.; FLICK U. (Coord.). **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 2008.

_____. Avanços no conhecimento etnográfico da escola. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1997a.

_____. **Tendências atuais da pesquisa na escola**. Cadernos CEDES, Campinas, v. 18, n. 43, p.1-9, dez. 1997b.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas**, v. 1, 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CUNHA, M. T. S. Do ontem para hoje: práticas escolares em diários íntimos de professoras. In: SOUZA, E. C de; MIGNOT, A. C. V. (Org.). **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 2010.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GIROUX, H.; MACLAREN, P. Linguagem, escola e subjetividade: elementos para um discurso pedagógico crítico. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.18, n.2, p.21-35, jul./dez. 1993.

LAPASSAD, G. L' observation participante. **Revista Europeia de Etnografia da Educação**. 1. ; 2001pp. 9 – 26.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994. p.35-86.

LIMA, M.da G. S.B. **Os usos cotidianos de escrita e as implicações educacionais: uma etnografia**. – Teresina: EDUFPI, 2006.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MATOS, C. L. G. de. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. UERJ, 2001. Disponível em: www.ines.org.br acesso em 11/05/10.

MOREIRA, H.; CALEFFE L.G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. RJ: DP&A, 2006.

SOUZA, E. C. de. ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.) **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: Edipucrs/Salvador: EDUNEB, 2006a.

SOUZA, E. C. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP & A/ Salvador: UNEB, 2006b

SOUZA, E. C.; MIGNOT, A. C. V. (Org.). **História de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

ZABALZA, M. A. **Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Porto Alegre: Artmed, 2004.